

4

Considerações finais

Neste trabalho destaca-se a importância dos paratextos que circundam uma tradução como elementos que possam trazer à luz aspectos do comportamento tradutório e o próprio processo da tradução.

Como fundamento para esta pesquisa, adotei a abordagem teórica dos estudos descritivos da tradução, em especial, o conceito de normas tradutórias elaborado por Gideon Toury, que toma por base a teoria dos polissistemas literários, desenvolvida por Itamar Even-Zohar. Este estudo foi igualmente alicerçado na visão de Gerard Genette, que afirma serem os prefácios, posfácios, introduções e notas, entre outros paratextos, elementos mediadores entre o texto e o leitor de uma obra.

A discussão foi iniciada apresentando a visão do teórico da tradução Lawrence Venuti, que há mais de uma década denuncia a questão da invisibilidade do tradutor e a atribui, entre outras causas, à submissão do próprio tradutor a normas que impõem a produção de um texto fluente. A fluência, afirma Venuti, cria a ilusão da transparência no texto traduzido, levando o leitor a crer que está lendo a obra original. Para ele, essa invisibilidade no texto traduzido leva à invisibilidade social do tradutor.

Em seguida, foram apresentadas as visões de outros estudiosos e de tradutores brasileiros que defendem a fluência no texto como a característica de uma boa tradução. Diante dessas visões conflitantes, procurei demonstrar que se tratava de dois conceitos diferentes de fluência e que o que se aplica a uma dada cultura não deve ser adotado por outra sem o devido escrutínio. A fluência a que Venuti se refere é aquela que produz o apagamento das marcas estrangeiras no texto, transformando os textos traduzidos, em língua inglesa, em uma prosa uniforme. Na cultura brasileira, o conceito de fluência na tradução implica uma leitura sem interrupções, um texto sem sintaxe ambígua, porém um texto que respeite o estrangeiro, como pôde ser demonstrado na análise realizada no capítulo anterior.

Para esta análise, foi selecionado um *corpus* constituído de prefácios, posfácios, introduções e notas do tradutor. Essa seleção não foi tarefa fácil, diante da carência de paratextos do tradutor. Com poucas exceções, como foi o caso da tradução de Galera e Pellizzari apresentada aqui, são as obras clássicas as que apresentam um ensaio prefacial de tradutor. Ressaltei, assim, a importância de se estender a concessão de prefácios a um maior número de traduções, em especial, a obras de qualidade, traduzidas por profissionais da tradução. É compreensível, no entanto, que a literatura de consumo, aquela em que o leitor está essencialmente preocupado com o conteúdo, prescindia de um prefácio do tradutor.

Nas análises aqui realizadas destacaram-se as considerações dos tradutores acerca do seu trabalho de tradução, deixando de lado comentários sobre o autor ou a obra propriamente dita. As análises parecem corroborar a ideia inicial proposta neste trabalho, que foi demonstrar a importância do paratexto como espaço de visibilidade do tradutor.

As notas de Ana Cristina Cesar, que fizeram parte do *corpus*, são um exemplo. Nelas, a tradutora revela dificuldades e problemas que enfrentou na tradução do conto *Bliss* de Katherine Mansfield, a começar pelo título, que teriam passado despercebidos ao público-leitor não fosse por seus comentários. Ana Cristina revela, passo a passo, as estratégias utilizadas durante o processo tradutório. Da mesma forma, José Roberto O'Shea em seu ensaio prefacial deixa clara sua visão de tradução, sua preocupação em situar o texto para o leitor do século XX e o cuidado em estudar outras traduções para o português da obra de Shakespeare.

Por ser a tradução um trabalho conjunto com as editoras, realizei entrevistas com alguns editores com a finalidade de saber a opinião dessas casas editoriais sobre a política de concessão do espaço do prefácio, ou outro paratexto de igual importância, ao tradutor. O número de entrevistas foi reduzido, porém suficiente para entender que, embora não pareça haver uma política específica nessa direção, as editoras estão abertas às solicitações dos tradutores. Cabe, portanto, aos tradutores, que cada vez mais se formam na academia, defender a conquista de um espaço que lhes permita uma maior visibilidade na sociedade.

Pretendi, assim, ressaltar a importância do paratexto como um lugar de reflexão dos tradutores sobre sua prática e também como fonte de teorização por

parte dos estudiosos. Pretendi, principalmente, demonstrar a relevância do paratexto para o leitor, que passa a entender as escolhas do tradutor.

Acredito, com essa pesquisa, ter sido possível demonstrar a relevância da visão descritivista na análise dos paratextos aqui selecionados e ter alcançado os objetivos propostos. A análise partiu das normas iniciais, aquelas que determinam os polos de “adequação” e “aceitabilidade”, demonstrando que entre esses dois polos há uma ampla gama de escolhas tradutórias. Em seguida ressaltou a importância das normas preliminares, por estarem diretamente relacionadas à escolha dos textos a serem traduzidos, não apenas à escolha entre uma tradução direta e indireta. E, por fim, voltou-se para as normas operacionais, que, segundo Toury, podem ser concebidas como as que governam as decisões tomadas durante o fazer tradutório em si.

Espero ter contribuído para uma discussão presente hoje nos Estudos da Tradução, qual seja, a da visibilidade social do tradutor e das formas de promovê-la. Para isso, é fundamental a participação ativa do profissional da tradução, como o foi quando este reivindicou e teve reconhecido o direito autoral de sua tradução, passando a ter seu nome registrado em toda obra traduzida.